

Bola de Sebo

Guy de Maupassant

Durante dias e dias, haviam atravessado a cidade os destroços do exército batido. Não eram tropas, mas hordas em debandada. Os homens tinham a barba longa e suja, os uniformes em farrapos, e avançavam cansadamente, sem bandeira, sem ordem. Pareciam todos acobrunhados, curvados, incapazes de um pensamento ou de uma resolução, a marchar unicamente por hábito e a tombar de fadiga logo que paravam. Viam-se principalmente os mobilizados, gente pacífica, rendeiros tranqüilos, curvados sob o peso do fuzil; rapazolas espertos, fáceis de assustar e de entusiasmar, tão prontos para o ataque como para a fuga; depois, no meio deles, alguns culotes vermelhos, sobreviventes de uma divisão esfacelada numa grande batalha; artilheiros sombrios a ombrear com aquela milícia colorida; e, por vezes, o brilhante capacete de um dragão de passo arrastado que seguia penosamente a marcha mais rápida dos soldados de infantaria.

Legiões de franco-atiradores, de nomes heróicos—os "Vingadores da Derrota", os "Cidadãos do Sepulcro", o "Distribuidores da Morte"—passavam, por sua vez, com ares de bandidos. Seus chefes, antigos comerciantes de tecidos ou de cereais, ex-vendedores de sebo ou de sabão, guerreiros de emergência, nomeados oficiais devido a seus escudos ou ao comprimento de seus bigodes, cobertos de armas, de flanela e de galões, falavam alto, discutiam planos de campanha, e pretendiam sustentar sozinhos a França agonizante sobre os seus ombros de fanfarrões; mas não raro temiam a seus próprios soldados, sujeitos perigosos, muita vez bravos em demasia, gatunos e debochados.

Os prussianos iam entrar em Ruão, diziam.

A Guarda Nacional, que naqueles dois últimos meses andava fazendo cautelosos reconhecimentos pelos bosques vizinhos, fuzilando às vezes suas próprias sentinelas, preparando-se para o combate quando algum coelhinho se agitava nas moitas, já havia se recolhido aos seus lares. Suas armas, seus uniformes, toda a mortífera aparelhagem com que ainda há pouco assustava os viajantes nas estradas, tinham subitamente desaparecido.

Os últimos soldados franceses acabavam enfim de atravessar o Sena para alcançar Pont-Audemar por Saint Sever e Bourg-Achard; e marchando depois de todos, o general: desesperado, sem nada poder tentar com aqueles farrapos em desordem, aturdido em meio à ruína de um povo habituado a vencer e desastrosamente batido, apesar da sua bravura legendaria, ele seguia a pé, entre dois ajudantes-de-ordens.

Depois, uma calma profunda, uma expectativa alarmada e silenciosa ficara pairando sobre a cidade. E muitos burgueses pançudos, desfibrados pelo comércio, esperavam com angústia os vencedores, temendo que estes considerassem como armas seus espetos de assar ou suas grandes facas de cozinha.

A vida parecia parada; as lojas estavam fechadas; as ruas desertas. Às vezes um habitante, intimidado com aquele silêncio, esgueirava-se rapidamente ao longo dos muros.

A angústia da espera fazia desejar a vinda do inimigo.

Na tarde do dia seguinte à partida das tropas francesas, alguns lanceiros, saídos não se sabia de onde, atravessaram às pressas a cidade. Depois, um pouco mais tarde, uma massa negra baixou a encosta de Santa Catarina, enquanto duas outras ondas invasoras surgiam pelas estradas de Darnetal e de Boisguillaume. As vanguardas dos três corpos, precisamente no mesmo instante, reuniram-se na praça da prefeitura; e por todas as ruas vizinhas chegava o exército alemão, desenrolando seus batalhões, que faziam ressoar o chão sob o seu passo duro e ritmado.

Vozes de comando, gritadas numa voz desconhecida e gutural, subiam ao longo das casas, que pareciam mortas e desertas, enquanto por detrás das venezianas cerradas havia olhos espiando aqueles homens vitoriosos, senhores, "por direito de guerra", da cidade, dos bens e das vidas. Os homens nos seus quartos escurecidos sentiam o desespero que produzem os cataclismas, as grandes convulsões destrutoras da terra, contra os quais toda sabedoria e toda força são inúteis. Pois a mesma sensação reaparece a cada vez que se subverte a ordem estabelecida das coisas, quando a segurança não mais existe e tudo o que era protegido pelas leis dos homens ou da natureza se encontra à mercê de uma brutalidade inconsciente e feroz. O tremor de terra que esmaga uma população inteira sob as casas que desmoronam; o rio transbordante que carrega os campônios afogados, juntamente com os cadáveres dos bois e os caibros arrancados dos tetos; ou o exército glorioso que trucidava os que se defendem, aprisiona os restantes, saqueia em nome da Espada e rende graças ao seu Deus, ao troar dos canhões—são todos uns horrorosos flagelos que desconcertam qualquer crença na

Justiça Eterna, qualquer confiança que nos ensinaram a ter na proteção do Céu e na razão do Homem.

Mas a cada porta batiam pequenos destacamentos, que depois desapareciam no interior das casas. Era a ocupação após a invasão. Cabia agora aos vencidos o dever de se mostrarem amáveis para com os vencedores.

Após algum tempo, passado o primeiro terror, estabeleceu-se nova calma. Em muitas famílias, o oficial prussiano comia à mesa. Era às vezes bem educado e, por polidez, lamentava pela França, externando a repugnância que tinha em tomar parte naquela guerra. E depois bem se podia, um dia ou outro, ter necessidade da sua proteção. Tratando-o bem, talvez se conseguisse ficar com alguns homens a menos para sustentar. E por que magoar uma pessoa de quem afinal a gente dependia? Seria menos bravura que temeridade. E a temeridade não é mais um defeito dos burgueses de Ruão, como nos tempos das heróicas defesas que glorificaram a cidade. Diziam enfim, razão suprema inspirada na urbanidade francesa, que não ficava mal serem polidos em casa, desde que não se mostrassem familiares em público com o soldado estrangeiro. Fora, a gente não se conhecia mais, mas em casa conversava-se de bom grado e, cada noite, o alemão se demorava mais tempo junto à lareira comum.

A própria cidade retomava pouco a pouco o aspecto ordinário. Os franceses ainda não saíam, mas os soldados prussianos formigavam pelas ruas.

De resto, os oficiais de hussardos, que arrastavam com arrogância os seus grandes instrumentos de morte pelas calçadas, não pareciam dedicar aos simples cidadãos muito mais desprezo que os oficiais de caçadores, que no ano passado bebiam nos mesmos cafés.

Havia no entanto qualquer coisa no ar, qualquer coisa de sutil e de desconhecido, uma intolerável atmosfera estrangeira, como um cheiro expandido, o cheiro da invasão. Cheiro que enchia as casas e as praças públicas, mudava o gosto dos alimentos, dava a impressão de que se estava viajando, bem longe, em meio a tribos bárbaras e perigosas.

Os vencedores exigiam dinheiro, muito dinheiro. Os habitantes pagavam sempre; eram ricos, aliás. Mas quanto mais um negociante normando se torna opulento, mais lhe dói qualquer sacrifício, qualquer parcela da sua fortuna que veja passar às mãos de outrem.

No entanto, alguns quilômetros aquém da cidade, seguindo o curso do rio, na direção de Croisset, Dieppedalle ou Biessart, os marinheiros e os pescadores traziam seguidamente do fundo da água algum cadáver de alemão, inchado no seu uniforme, morto a facada ou a pedrada, ou arremessado com um empurrão do alto de uma ponte. A lama do rio amortalhava essas vinganças obscuras, selvagens e legítimas, heroísmos desconhecidos, ataques mudos, mais perigosas que as batalhas em pleno dia, e sem a repercussão da glória.

Pois o ódio ao Estrangeiro arma sempre alguns Intrépidos, prontos a morrer por uma Idéia.

Enfim, como os invasores, embora sujeitando a cidade a inflexível disciplina, não tinham levado a efeito nenhum dos horrores que a fama os fizera cometer no percurso de sua marcha triunfal, o pessoal começou a criar coragem, e a necessidade dos negócios trabalhou de novo o coração dos comerciantes locais. Alguns tinham grandes interesses no Havre, ocupado pelo exército francês, e pretenderam alcançar esse porto, indo por terra a Dieppe, onde embarcariam.

Recorreram à influência dos oficiais alemães com quem haviam travado conhecimento, obtendo do general-comandante uma autorização para viajar.

Contratada uma grande diligência de quatro cavalos, e inscritas que foram dez pessoas, resolveram partir numa terça-feira, antes do raiar do dia, para evitar qualquer ajuntamento.

Já desde algum tempo, a geada endurecera a terra e, na segunda, pelas três horas, grossas nuvens negras vindas do norte trouxeram a neve, que tombou ininterruptamente durante a tarde e toda a noite.

Às quatro e meia da manhã, reuniram-se os viajantes no pátio do Hotel Normandia, onde deviam embarcar.

Estavam ainda cheios de sono e tiritavam de frio sob os seus abrigos. Enxergava-se mal na obscuridade; e a acumulação das pesadas vestes de inverno fazia assemelham-se todos aqueles corpos a vigários obesos com suas longas batinas. Mas dois homens se reconheceram, um terceiro os abordou, conversaram: "Eu levo a minha mulher", disse um. "O mesmo faço eu". "E eu também". O primeiro acrescentou: "Não voltaremos a Ruão, e, se os prussianos se aproximarem do Havre, ganharemos a Inglaterra". Tendo todos o mesmo temperamento, os seus projetos eram os mesmos.

Porém, nada de atrelarem os cavalos. Uma pequena lanterna carregada por um criado de cavaliária, saía de vez em quando de uma porta escura para desaparecer imediatamente. Coices de cavalos ressoavam na terra amortecidos pelo estrume das baias e ouvia-se ao fundo da construção uma voz de homem, falando aos animais e praguejando. Um leve murmúrio de gritos anunciou que manejavam os arreios; esse murmúrio se tornou em breve um frêmito claro e contínuo, cessando às vezes, depois recomeçando numa brusca sacudida,

acompanhada do surdo baque de um casco ferrado contra o solo.

A porta fechou-se de súbito. Todo ruído cessou. Os burgueses enregelados haviam emudecido e permaneciam imóveis e hirtos.

Uma ininterrupta cortina de flocos brancos fulgurava sem cessar, descendo sobre a terra; suavizava as formas, polvilhava as coisas de uma espuma gelada e, no grande silêncio da cidade calma e sepulta sob o inverno, só se ouvia aquele impalpável e vago perpassar da neve que tomba, mais sensação que ruído, confusão de átomos leves que pareciam encher o espaço, cobrir o mundo.

O homem reapareceu com sua lanterna puxando por uma corda um cavalo triste, que não vinha de bom grado. Colocou-o entre os varais, ligou os tirantes, volteou por muito tempo em redor para arranjar os arreios, pois só podia servir-se de uma mão, já que a outra segurava a luz. Quando ia buscar o segundo animal, notou todos aqueles viajantes imóveis, já brancos de neve, e lhes disse:

— Por que não sobem para o carro? Ao menos ficarão abrigados.

Decerto não haviam pensado nisso. Precipitaram-se. Os três homens instalaram suas mulheres ao fundo e subiram em seguida; depois os outros vultos indistintos e esfumados ocuparam por sua vez os lugares restantes, sem trocar palavra.

O soalho do veículo estava coberto de palha, onde os pés mergulhavam. As senhoras do fundo, tendo trazido pequenos aquecedores de cobre, munidos de carvão químico, acenderam os aparelhos e, durante algum tempo, em voz baixa, lhes enumeraram as vantagens, repetindo coisas que de há muito sabiam.

A final, já pronta a diligência, com seis cavalos em vez de quatro, devido à puxada mais penosa, uma voz, de fora, indagou: "Já subiram todos?" Outra voz, de dentro, respondeu: "Sim". E partiram.

O carro avançava lentamente. As rodas afundavam na neve. Toda a carroceria gemia, em surdos estalidos. Os animais escorregavam, resfolegavam, com as ventas fumegantes. E o gigantesco chicote do cocheiro estalava sem cessar, enrolando-se e desenrolando-se como uma fina serpente, açoitando de súbito esta ou aquela anca encurvada, que se retesava então num esforço mais violento.

Mas imperceptivelmente ia apontando o dia. Já não tombavam mais aqueles leves flocos que um dos viajantes, puro-sangue ruanense, comparava a uma chuva de algodão. Uma suja claridade filtrava-se através de grossas nuvens escuras e pesadas, que mais resplandecente tornavam a planície, onde aparecia ora uma carreira de grandes árvores vestidas de geadas, ora uma cabana encapuzada de neve.

No carro, os passageiros se entreolhavam curiosamente, à triste claridade daquela aurora. Ao fundo, nos melhores lugares, cochilavam, um defronte ao outro, M. e Mme. Loiseau, atacadistas de vinho na rua Grand-Pont.

Antigo vendedor de um patrão arruinado, Loiseau adquirira o patrimônio e fizera fortuna. Vendia péssimo vinho aos pequenos negociantes do campo e passava entre seus amigos e conhecidos por um espertalhão e tanto, um verdadeiro normando, cheio de manhas e jovialidade.

Tão bem assentada estava sua reputação que uma noite, na prefeitura, M. Tournel, autor de fábulas e canções, espírito mordaz e fino, e uma glória local, achando as damas pouco animadas lhes propôs como diversão uma partida de oiseau vole (1). A piada voou através dos salões do prefeito; depois, alcançando os da cidade, fizera rir durante um mês inteiro todas as mandíbulas da província.

Loiseau era, por outro lado, célebre por suas farsas de toda espécie, suas brincadeiras de bom ou mau gosto; e ninguém falava dele sem logo acrescentar: "Impagável, esse Loiseau".

De talhe exíguo, apresentava um ventre de balão, encimado por uma cara avermelhada entre duas suíças grisalhas.

Sua mulher, grande, robusta, voluntariosa, de voz forte e decisão rápida, era a ordem e a aritmética da casa de comércio, que ele animava com a sua alegre atividade.

Ao lado deles na carruagem se mantinha, mais digno, pertencente a uma casta superior, M. CarréLamadon, homem considerável, grande negociante de algodão, proprietário de três tecelagens, oficial da Legião de Honra e membro do Conselho Geral. Fora durante todo o Império chefe da oposição benévola, unicamente para pagar mais caro sua adesão à causa que combatia com armas corteses, conforme sua própria expressão. Mme. CarréLamadon, muito mais jovem que o marido, era o consolo dos oficiais de boa família destacados na guarnição local.

* (1) Trocadilho intraduzível, baseado no fato de Loiseau, nome próprio, ter som idêntico a l'oiseau (o pássaro) e no duplo significado do verbo voler (voar ou roubar). Oiseau vole é o jogo infantil conhecido entre nós por "passarinho voa". N. do T.

Linda, mimosa, aconchegada nas suas peles, estava ela sentada defronte ao marido e contemplava com um ar desolado o lamentável interior do carro.

Seus vizinhos, o conde e a condessa Hubert, de Bréville, usavam um dos nomes mais antigos e mais nobres da Normandia, O conde, velho gentil-homem de bela estampa, procurava acentuar pelos artifícios da indumentária a sua semelhança com o rei Henrique IV, que, segundo uma lenda gloriosa para a família, engravidara uma dama de Bréville cujo marido, por esse fato, se tornara conde e governador de província. Colega de M. CarréLamadon no Conselho Geral, o conde Hubert representava o partido orleanista no departamento. A história do seu casamento com a família de um pequeno armador de Nantes sempre permanecera em mistério. Mas como a condessa tinha nobres maneiras, recebia melhor que ninguém e passava até por ter sido amada por um dos filhos de Luís Filipe, toda a nobreza lhe fazia festa, e o seu salão era o primeiro da região, o único onde ainda se conservava a velha galanteria, e de acesso difícil. A fortuna dos Bréville, toda em bens de raiz, atingia, dizia-se, quinhentas mil libras de renda.

Essas seis pessoas representavam, ao fundo da diligência, a ala endinheirada, serena e forte da sociedade, a "gente direita", que tem Religião e Princípios.

Por um estranho acaso, todas as mulheres se encontravam sobre o mesmo banco; e a condessa tinha ainda como vizinhas duas boas freiras, que desfiavam longos rosários, a murmurar ave-marias e padre-nossos.

Uma era velha, com a face toda picada de varíola, como se tivesse recebido uma carga de chumbo em pleno rosto. A outra, miudinha, tinha um lindo rosto pálido sobre um peito de tísica, minado por essa devoradora fé que faz os iluminados e os mártires.

Em face das duas freiras, um homem e uma mulher atraíam os olhares de todos.

O homem bastante conhecido era Cornudet, o democrata, terror das pessoas respeitáveis. Há vinte anos que embebia a sua grande barba ruiva nos chopes de todos os cafés democráticos. Tinha dado cabo, com os irmãos e amigos, da bela herança que recebera do pai, antigo confeitiro, e esperava impacientemente a República para obter enfim o lugar merecido por tantas consumações revolucionárias.

No 4 de setembro, talvez em consequência de uma farsa, julgara-se nomeado prefeito, mas quando quis assumir suas funções os amanuenses da prefeitura, então únicos senhores da situação, recusaram-se a reconhecê-lo, o que o constrangeu à retirada. Excelente sujeito, aliás, inofensivo e serviçal, ocupava-se com incomparável ardor em organizar a defesa. Fizera abrir buracos nas planícies, derrubar todos os arbustos das florestas vizinhas, arranjar armadilhas por todas as estradas e, à aproximação do inimigo, satisfeito com os seus preparativos, retirava-se vivamente para a cidade. Pensava agora tornar-se mais útil no Havre, onde seriam necessários novos entrincheiramentos.

A mulher, uma dessas chamadas galantes, era célebre por sua gordura precoce, que lhe valera o apelido de Bola de Sebo. Miúda, redondinha, gordinha com dedos rechonchudos estrangulados nas falanges como fiavelas de curtas salsichas, com uma tez luzidia e tensa, o seio enorme a rebentar a blusa, era no entanto apetitosa e desejada, de tal modo agradava à vista o seu frescor. Seu rosto era uma maçã vermelha, um botão de peônia prestes a florir; e ali se abriam, no alto, dois magníficos olhos negros, sombreados de grandes cílios espessos, que mais escuros os tornavam; embaixo, uma boca encantadora, pequena, úmida para o beijo, mobiliada de dentinhos brilhantes e microscópicos. De resto ela possuía, pelo que diziam, inapreciáveis qualidades.

Logo que foi reconhecida, correu um murmúrio entre as mulheres honradas, e as expressões "prostituta" e "vergonha pública" foram cochichadas tão alto, que ela ergueu a cabeça. Passeou então pelos vizinhos um olhar de tal modo provocante e atrevido que em seguida se estabeleceu um grande silêncio e todos baixaram os olhos, com exceção de Loiseau, que a espiava com um ar divertido.

Mas logo recomeçou a conversação entre as três damas, a quem a presença daquela rapariga tornava subitamente amigas, quase íntimas. Elas deviam formar, parecia-lhes, como que "um feixe das suas dignidades de esposas, em face daquela vendida sem-vergonha, pois sempre o amor legal trata com desprezo o seu confrade livre.

Os três homens também, reaproximados por um instinto de conservadores à vista de Cornudet, falavam de dinheiro num tom desdenhoso para com os pobres. O conde Hubert enumerava os prejuízos que lhe haviam causado os prussianos, as perdas que resultariam do gado roubado e das colheitas perdidas, com uma segurança de grão-senhor dez vezes milionário, a quem essas destruições incomodariam apenas por um ano. M. CarréLamadon, muito experimentado na indústria algodoeira, tivera o cuidado de enviar para a Inglaterra seiscentos mil francos — um refrigério que ele guardava para alguma sede eventual.

Quanto a Loiseau, dera um jeito para vender à Intendência francesa todos os vinhos comuns que lhe

restavam em depósito, de sorte que o Estado lhe devia uma formidável soma, que ele contava receber no Havre.

E os três trocavam olhadelas rápidas e amistosas. Embora de condições diferentes, sentiam-se irmãos, pelo dinheiro, da grande maçonaria dos que possuem, daqueles que fazem tilintar o ouro ao mergulhar a mão no bolso.

O carro seguia tão lentamente que às dez da manhã ainda não tinham feito vinte e cinco quilômetros. Os homens desceram três vezes para subir ladeiras a pé. Começavam a inquietar-se, pois deviam almoçar em Tôtes e perdiam a esperança agora de lá chegar antes da noite.

Cada qual espiava, a ver se descobria algum albergue, à beira da estrada, quando a diligência afundou num atoleiro de neve e foram necessárias duas horas para tirá-la dali.

A fome crescia, alterando os espíritos, e nenhum botequim, nenhum negócio de vinho aparecia, pois a aproximação dos prussianos e a passagem das tropas francesas esfomeadas haviam espantado todas as indústrias.

Os homens correram às propriedades, à beira do caminho, em busca de provisões, mas nada ali encontraram, nem mesmo pão, pois o campônio desconfiado ocultava suas reservas, com medo de ser pilhado pelos soldados, que, nada tendo para comer, tomavam à força o que descobriam.

Pela uma hora da tarde, Loiseau anunciou que decididamente sentia um terrível vazio no estômago. Há muito que todos sofriam como ele; e o violento desejo de comer, aumentando sempre, extinguiu as conversações.

De tempos em tempos alguém bocejava; outro quase em seguida o imitava; e cada qual, a seu turno, segundo seu caráter, suas maneiras e sua posição social, abria a boca discreta ou ruidosamente, levando depressa a mão à caverna faminta de onde saía um vapor.

Bola de Sebo, por várias vezes, inclinou-se, como se procurasse qualquer coisa debaixo de suas saias. Hesitava um segundo, olhava para os vizinhos, depois se endireitava tranqüilamente. Os rostos estavam pálidos e crispados. Loiseau afirmou que pagaria mil francos por um presunto. Sua mulher fez um gesto para protestar; depois acalmou-se. Sofria sempre ao ouvir falar em desperdício de dinheiro e não compreendia nem mesmo os gracejos a esse respeito. "O fato é que eu não me sinto bem", disse o conde. "Como é que não me lembrei de trazer mantimentos?" Cada qual se fazia idêntica censura.

Mas Cornudet tinha um cantil cheio de rum; ofereceu-o; recusaram friamente. Apenas Loiseau aceitou dois goles, e quando devolveu o cantil, agradeceu: "Isso afinal é bom; aquece a gente e engana a fome". O álcool deixou-o de bom humor e ele propôs que fizessem como no navio da canção: comer o mais gordo dos viajantes. Essa indireta a Bola de Sebo chocou as pessoas bem-educadas. Não responderam; apenas Cornudet sorriu. As duas boas freiras tinham cessado de resmungar seu rosário, e com as mãos metidas nas suas grandes mangas baixavam obstinadamente os olhos, oferecendo sem dúvida ao Céu o sofrimento que lhes enviava.

Enfim, às três horas, como se encontrassem no meio de uma planície interminável, sem uma única aldeia à vista, Bola de Sebo, baixando-se vivamente, retirou de sob a banqueta um grande cesto coberto com uma toalha branca.

Tirou primeiro um pequeno prato de faiança, um fino copo de prata, depois uma vasta terrina, na qual dois frangos inteiros, trinchados, reluziam de gordura. E percebiam-se ainda no cesto outras boas coisas enroladas, patés, frutas, frios, provisões preparadas para uma viagem de três dias, a fim de não tocar na cozinha dos albergues. Quatro gargalos de garrafas emergiam dentre os pacotes de comida. Ela pegou uma asa de frango e, delicadamente, pôs-se a comê-la com um desses pãezinhos a que chamam "Regência", na Normandia.

Todos os olhares estavam voltados para ela. Depois o cheiro se espalhou, dilatando as narinas, fazendo vir às bocas uma saliva abundante, com uma dolorosa contração da mandíbula sob as orelhas. O desprezo das senhoras por aquela rapariga tornava-se feroz; era como que um desejo de matá-la ou de arremessá-la do carro sobre a neve, ela, com o seu copo de prata, a sua cesta e as suas provisões.

Mas Loiseau devorava com os olhos a terrina de frango. E disse: "Ainda bem que madame teve mais precauções do que nós. Há pessoas que sabem sempre pensar em tudo". Ela ergueu a cabeça para ele: "Se quisesse servir-se, senhor... É duro jejuar desde a madrugada". Ele fez uma saudação: "Francamente não me recuso, estou que não posso mais. Na guerra como na guerra, não é, madame?" E, lançando um olhar circular, acrescentou: "Num momento como este, dá gosto encontrar pessoas atenciosas". Trazia um jornal, que desdobrou para não manchar as calças, e, com a ponta da faca que sempre guardava no bolso, espetou uma coxa toda envernizada de gordura, despedaçou-a com os dentes e mastigou-a depois com tão evidente satisfação que se ouviu no veículo um grande suspiro de angústia.

Mas Bola de Sebo, com uma voz humilde e suave, convidou as boas freiras a partilharem da sua refeição

Ambas aceitaram instantaneamente e, sem erguer os olhos, puseram-se a comer muito depressa, depois de balbuciar agradecimentos. Cornudet tampouco recusou o oferecimento de sua vizinha; e formaram com as religiosas uma espécie de mesa, estendendo jornais sobre os joelhos.

As bocas abriam-se e fechavam-se sem cessar, absorviam, mastigavam, engoliam ferozmente. Loiseau, no seu canto, trabalhava com energia e, em voz baixa, induzia sua mulher a imitá-lo. Esta resistiu por muito tempo; afinal, após uma contração que lhe percorreu as entranhas, cedeu. Então o marido, modulando a voz, perguntou se a "encantadora companheira" lhe permitia oferecer um pedacinho a *Mme.* Loiseau. "Mas certamente, meu senhor", respondeu Bola de Sebo com um sorriso amável, e estendeu a terrina.

Houve um embaraço quando desarrolharam a primeira garrafa de bordéus: só havia um copo. Este correu de mão em mão, depois de devidamente enxugado. Apenas Cornudet, por galanteria sem dúvida, pousou os lábios no lugar ainda úmido dos lábios de sua vizinha.

Então, cercados de pessoas que comiam, sufocados pelas emanações dos alimentos, o conde e a condessa de Bréville, bem como M. e *Mme.* CarréLamadon, sofreram o suplício que conservou o nome de Tântalo.

De súbito, a jovem senhora do fabricante soltou um suspiro que fez voltarem-se as cabeças; estava branca como a neve do campo; seus olhos fecharam-se, sua fronte também: ela perdera os sentidos. O marido, transtornado, implorava socorro a todo o mundo. Ninguém sabia o que fazer, quando a mais velha das religiosas, sustentando a cabeça da enferma, lhe meteu entre os lábios o copo de Bola de Sebo e a fez engolir algumas gotas de vinho. A linda senhora moveu-se, abriu os olhos, sorriu e declarou com voz moribunda que se sentia agora muito bem. Mas para que o acidente não se renovasse a freira obrigou-a a beber um copo cheio de bordéus, acrescentando: "é fome, não é outra coisa".

Então, Bola de Sebo, enrubescida e confusa, balbuciou, olhando os quatro viajantes que ainda se achavam em jejum: "Meu Deus, se eu pudesse oferecer a esses cavalheiros e a essas damas..." E calou-se, temendo haver praticado um ultraje. Loiseau tomou a palavra: "Meu Deus, em casos como este, todos são irmãos e devem ajudar-se. Vamos, senhoras, nada de cerimônias, aceitem, que diabo! Sabemos nós se ao menos encontraremos uma casa onde passar a noite? No andar em que vamos, não estaremos em Tôtes antes de amanhã ao meio-dia".

Hesitavam. Ninguém ousava assumir a responsabilidade do sim. Mas o conde resolveu a questão. Voltou-se para a gorda rapariga intimidada e, assumindo o seu ar de gentil-homem, disselhe:

— Nós aceitamos com reconhecimento, madame.

O primeiro passo é que custava. Uma vez transposto o Rubicão, agiram livremente. O cesto foi esvaziado. Continha ainda paté de foie gras, paté de mauvietter, um pedaço de língua defumada, pêras de Crassane, um queijo de Pont-Évêque, bolinhos e também um boião cheio de pepinos e cebolas em vinagre, pois Bola de Sebo, como todas as mulheres, adorava as coisas cruas.

Não podiam comer as provisões daquela rapariga sem lhe falar. Conversaram, a princípio com reserva, e depois, visto que ela se mantinha muito bem, com mais abandono. Mmes. de Bréville e CarréLamadon, que possuíam um grande *savoir-vivre*, foram polidas com delicadeza. Principalmente a condessa mostrou essa amável condescendência das damas de alta estirpe a que nenhum contato pode macular, e foi de fato encantadora. Mas a robusta *Mme.* Loiseau, que tinha uma alma de gendarme, permaneceu intratável, falando pouco e comendo muito.

Falaram da guerra, naturalmente. Contaram coisas horríveis dos prussianos, rasgos de bravura dos franceses; e toda aquela gente que fugia prestava homenagem à coragem dos outros. Logo começaram as histórias pessoais, e Bola de Sebo, com emoção verdadeira, com o calor de palavras que têm às vezes essas mulheres para exprimir seus encantos naturais, contou como havia deixado Ruão:

— Supus a princípio que poderia ficar. Tinha a casa cheia de provisões e preferia alimentar alguns soldados a expatriar-me sabe Deus para onde. Mas quando vi esses tais prussianos, a coisa foi mais forte do que eu. Eles me revoltaram o sangue de raiva, e eu chorei de vergonha todo o dia. Ah! se eu fosse homem... Eu olhava da minha janela aqueles porcos com os seus capacetes pontudos; e a minha criada me segurava as mãos para impedir que eu lançasse o meu mobiliário no lombo deles. Depois chegaram alguns para alojar-se na minha casa: então saltei à goela do primeiro deles. Eles não são mais difíceis de estrangular do que os outros! E eu teria liquidado aquele se não me houvessem puxado pelos cabelos. Depois disso, tive de esconder-me. A final, quando encontrei uma ocasião, parti. E aqui estou.

Felicitaram-na muito. Ela crescia na estima de seus companheiros, que não se haviam mostrado tão decididos. E Cornudet, ao ouvi-la, conservava um sorriso aprovativo e benévolo de apóstolo; assim um sacerdote ouve um devoto louvar a Deus, pois os democratas barbudos têm o monopólio do patriotismo, como os homens de batina o têm da religião. Falou por sua vez num tom doutrinário, com a ênfase aprendida nas

proclamações que afixavam cada dia nos muros, e terminou com um rapto de eloqüência, no qual desancava magistralmente "esse crápula do Badinguet".

Mas Bola de Sebo logo se agastou, pois era bonapartista. Tornava-se vermelha como um tomate e gaguejava de indignação:

— Ah! eu queria era ver vocês no lugar dele! Havia de ser muito bonito! Foram vocês que traíram esse homem! Só faltava deixar a França, se fôssemos governados por vagabundos como vocês.

Cornudet, impassível, guardava um sorriso desdenhoso e superior, mas sentia-se que estavam para chegar os palavrões quando o conde interveio e acalmou, não sem custo, a rapariga exasperada, proclamando que todas as opiniões sinceras eram respeitáveis. No entanto, a condessa e a manufatureira, que tinham na alma o ódio desarrazoado que a gente direita dedica à República e essa instintiva ternura que têm todas as mulheres pelos governos de penacho e despotismo, sentiam-se, a contragosto, atraídas por aquela prostituta cheia de dignidade, cujos sentimentos tanto se assemelhavam aos seus.

O cesto estava vazio. Haviam-no esgotado sem pena, lamentando que não fosse maior. A conversação continuou por algum tempo, mas menos animada, depois de haverem comido.

Caía a noite, a obscuridade pouco a pouco se tornou profunda e o frio, mais sensível durante as digestões, fazia estremecer Bola de Sebo, apesar da sua graxa. Então *Mme. Bréville* lhe ofereceu o seu aquecedor, cujo carvão desde a manhã fora várias vezes substituído, e a outra logo o aceitou, pois tinha os pés gelados. *Mmes. Carré-Lamadon* e *Loiseau* emprestaram os seus às religiosas.

O cocheiro acendera as lanternas. Estas focavam vivamente uma nuvem de vapor acima da anca suarenta dos cavalos e, de ambos os lados da estrada, a neve, que parecia desenrolar-se sob o reflexo móvel das luzes. Não se distinguia mais nada do carro; mas de súbito houve um movimento entre Bola de Sebo e Cornudet; *Loiseau*, cujo olhar sondava a treva, julgou ver o homem das grandes barbas afastar-se vivamente, como se houvesse recebido algum bom golpe lançado sem rumor.

Pequenos pontos brilhantes surgiram à frente, na estrada. Era Tôtes. Tinham andado onze horas, o que, com as duas horas divididas em quatro períodos para alimentação e repouso dos cavalos, perfazia treze.

Entraram na vila, parando diante do Hotel do Comércio.

Abriu-se a portinhola. Um rumor bastante conhecido fez estremecer a todos os viajantes; eram as batidas de uma bainha contra o solo. E logo a voz de um alemão gritou qualquer coisa.

Embora a diligência estivesse imóvel, ninguém descia, como se esperassem ser massacrados na saída. Nisto apareceu o condutor, empunhando uma das suas lanternas, que clareou subitamente até o fundo as duas fileiras de caras assustadas, cujas bocas estavam abertas e os olhos desnorreados de surpresa e temor.

Ao lado do cocheiro mantinha-se, em plena luz, um oficial alemão, um jovem alto, excessivamente delgado e loiro, apertado em seu uniforme como uma rapariga no seu espartilho, e apertando ao lado o seu capacete chato e lúcido, que o fazia assemelhar-se ao groom de um hotel inglês. Seu desmesurado bigode de longos pêlos retos afinava-se indefinidamente de cada lado, terminando por um único fio loiro, tão delgado, que não se percebia o fim; parecia pesar sobre os cantos da boca e, repuxando as bochechas, imprimia-lhe aos lábios uma prega descaída.

Num francês de alsaciano, convidou os viajantes a descerem, dizendo num tom ríspido:

— Queiram descer, senhoras e senhores.

As duas freiras desceram primeiro, com uma docilidade de santas mulheres habituadas a todas as submissões. Em seguida apareceram o conde e a condessa, seguidos do manufatureiro e de sua mulher, e depois, *Loiseau* levando pela frente a sua grande cara-metade.

Este, ao pisar em terra, disse ao oficial: "Boa-noite, senhor", mais por prudência do que por polidez. O oficial, insolente como os todo-poderosos, olhou-o sem responder.

Bola de Sebo e Cornudet, embora estivessem mais perto da portinhola, desceram por último, graves e altivos perante o inimigo. A gorda rapariga tratava de dominar-se e de parecer calma; o democrata atormentava num gesto trágico e um pouco trêmulo a sua longa barba ruiva. Queriam guardar dignidade, sabendo que em tais encontros cada qual representa um pouco o seu país; e revoltados ambos pela docilidade de seus companheiros, tratava ela de mostrar-se mais ativa que as suas vizinhas, as mulheres honestas, ao passo que ele, sentindo que devia dar o exemplo, continuava em sua atitude a missão de resistência a que dera início com a obstrução das estradas.

Entraram na vasta cozinha do albergue, e o alemão, tendo exigido a apresentação da ordem de partida assinada pelo general-comandante e onde vinham mencionados os nomes, características e profissão de cada viajante, examinou longamente a todos eles, comparando as pessoas com os dados escritos.

Depois disse bruscamente: "Está bem". E desapareceu.

Todos então respiraram. Como ainda tivessem fome, foi encomendada a ceia. Demandava meia hora para ficar pronta; e, enquanto as duas criadas se ocupavam disso, foram visitar os quartos. A chamavam-se todos estes num longo corredor que terminava por uma porta envidraçada marcada com um número bem visível.

Iam afinal sentar-se à mesa, quando o próprio dono do albergue apareceu. Era um antigo negociante de cavalos, homenzarrão asmático, sempre às voltas com pigarros e ronqueiras. Seu pai lhe transmitira o nome de Follenvie.

Ele indagou:

— Mile. Elisabeth Rousset?

Bola de Sebo estremeceu, voltou-se:

— Sou eu.

— Mademoiselle, o oficial prussiano quer falar-lhe imediatamente.

— A mim?

— Sim, se é mesmo Mile. Elisabeth Rousset.

Ela perturbou-se, refletiu um segundo e depois declarou redondamente:

— É possível, mas eu não irei.

Fez-se um movimento em torno dela; todos discutiam, procurando a causa de tal ordem. O conde aproximou-se:

— Faz mal, madame, pois a sua recusa pode acarretar dificuldades consideráveis, não somente para a senhora, mas até para todos os seus companheiros. Nunca se deve resistir àqueles que são mais fortes. Esta deliberação seguramente não pode oferecer perigo algum; é sem dúvida para satisfazer alguma formalidade esquecida.

Todos o apoiaram, instaram com ela, pediram-lhe, aconselharam-na, e acabaram por convencê-la; pois todos temiam as complicações que poderiam resultar de-uma cabeçada. Ela afinal declarou:

— É pelos senhores que obedeço, podem crer! A condessa tomou-lhe a mão:

— E nós todos lhe agradecemos.

Ela saiu. Esperaram-na para sentar-se à mesa.

Cada qual se desolava por não ter sido chamado, em lugar daquela rapariga violenta e irascível, e preparava mentalmente servilismos para o caso em que o reclamassem por sua vez.

Mas, ao cabo de dez minutos, ela reapareceu, resfolegante, vermelha, exasperada. E balbuciava:

— Oh! o canalha! o canalha!

Todos a cercaram para saber, mas Bola de Sebo não disse nada; e, como o conde insistisse, respondeu com grande dignidade:

— Não, isso é só comigo, não posso falar. Sentaram-se então ao redor de uma alta sopeira, de onde emanava um perfume de couve. Apesar do incidente, a ceia foi alegre. A cidra era boa; o casal Loiseau e as freiras serviram-se dela por economia. Os outros pediam vinho; Cornudet reclamou cerveja. Tinha ele um modo particular de abrir a garrafa, de fazer espumar o líquido, de o reverenciar, inclinando o copo, que erguia em seguida entre o lampião e os olhos, para bem apreciar a cor. Quando bebia, a sua grande barba, que conservava o matiz de seu líquido amado, parecia tremer de ternura; seus olhos envesgavam para não perder de vista a bebida, e ele tinha o ar de estar preenchendo a única função para a qual nascera. Dir-se-ia que estabelecia no espírito uma aproximação e como que uma afinidade entre as duas grandes paixões que ocupavam toda a sua vida: a Cerveja e a Revolução; e certamente não podia degustar uma sem pensar na outra.

M. e *Mme.* Follenvie jantavam na extremidade da mesa.

O homem, arquejando como uma locomotiva emperrada, tinha muita pressão no peito para que pudesse falar enquanto comia; mas a mulher não se calava nunca. Contou todas suas impressões quando da chegada dos prussianos, o que eles faziam, o que diziam. E abominava-os, em primeiro lugar porque lhe custavam dinheiro e depois porque ela possuía dois filhos no exército. Era a condessa a quem principalmente se dirigia, lisonjeada por conversar com uma dama de qualidade. Depois baixava a voz para contar certas coisas delicadas, e o marido, de tempos em tempos, a interrompia: "Seria melhor que ficasse quieta, *Mme.* Follenvie". Mas a este pouco se lhe dava, e prosseguia:

— Sim, madame, essa gente não faz senão comer batata e porco, e depois porco e batata. E não se vê acreditar que sejam limpos. Qual! Sujam por toda parte, com perdão da palavra. E se a senhora os visse fazer exercícios durante horas e dias... Ficam todos num campo—e marcha para aqui! marcha para ali! Se eles ac menos cultivassem a terra ou trabalhassem nas estradas em seu país! Mas não, madame, esses militares não

prestam serviço a ninguém! É preciso que o pobre povo os alimente, para que eles não aprendam nada mais a não ser massacrar. Eu não passo de uma mulher velha e sem educação, mas quando os vejo nesse trabalho árduo de manhã à noite, digo com os meus botões: Quando há pessoas que fazem tantas descobertas para ser úteis, é justo que outros se dêem tanto trabalho para ser prejudiciais? Não é uma verdadeira abominação matar gente, sejam prussianos, ou ingleses, ou polacos ou franceses? Quando a gente se vinga de alguém que nos fez mal, não está direito, pois nos condenam. Mas quando exterminam os nossos rapazes como caça, com fuzis, então está muito direito, pois dão condecorações aos que matam mais. Não, madame, eu nunca compreenderei isso!

Cornudet elevou a voz:

— A guerra é uma barbárie quando atacam um vizinho pacífico; é um dever sagrado quando se trata de defender a pátria.

A velha baixou a cabeça:

— Sim, quando nos defendemos, é outra coisa. Mas não seria preferível matar a todos os reis que fazem guerras por sua alta recreação?

O olhar de Cornudet inflamou-se:

— Bravos, cidadã! — disse ele.

M. Carré-Lamadon refletia profundamente. Embora fanático dos ilustres capitães, o bom senso daquela camponesa fazia-o pensar na opulência que trariam a um país tantos braços desocupados e por conseguinte ruinosos, tantas forças mantidas improdutivas, se os empregassem nos grandes trabalhos industriais, que demandarão séculos para se realizarem.

Mas Loiseau, deixando o seu lugar, foi conversar em voz baixa com o proprietário do albergue.

O homem ouvia, tossia e escarrava; o seu enorme ventre saltitava de alegria com os gracejos do vizinho; e ele acabou encomendando a Loiseau seis pipas de bordéus para a primavera, depois que os prussianos se houvessem retirado.

Mal terminada a ceia, como estavam mortos de fadiga, foram todos deitar-se.

No entanto Loiseau, que observava as coisas, fez a esposa deitar-se, depois colou, ora o ouvido, ora o olho, ao buraco da fechadura, para tratar de descobrir o que ele chamava "os mistérios do corredor".

Ao cabo de uma hora mais ou menos ouviu um rumor, olhou depressa e viu Bola de Sebo, que parecia mais repleta ainda num penteador de cachemira azul, rendado de branco. Tinha uma vela na mão e caminhava em direção à porta envidraçada, ao fundo do corredor. Mas uma porta ao lado entreabriu-se e, quando ela voltou, após alguns minutos, Cornudet a seguia, em mangas de camisa. Falavam baixo, depois pararam. Bola de Sebo parecia defender com energia a entrada de seu quarto. Loiseau, infelizmente, não entendia as palavras, mas, no fim, como elevassem a voz, pôde apanhar algumas. Cornudet dizia com vivacidade:

— Vamos, não seja tola, que importa isso? Ela parecia indignada e respondeu:

— Não, meu caro, há momentos em que não se pode fazer essas coisas. E depois, aqui, seria uma vergonha.

Ele não compreendia, sem dúvida, e perguntou por quê. Então ela se irritou, elevando mais a voz:

— Por quê? Você não compreende por quê? Quando há prussianos em casa, no quarto ao lado, talvez?

Ele calou-se.

Aquele pudor patriótico de rameira que não se deixava acariciar perto do inimigo decerto lhe reavivara a dignidade desfalecente, pois Cornudet, contentando-se em beijá-la, recolheu-se ao quarto nas pontas dos pés.

Loiseau, muito excitado, deixou a fechadura, deu um passo de dança, enfiou a touca e ergueu a coberta sob a qual jazia a dura carcaça de sua companheira, a quem despertou com um beijo, murmurando:

— Gostas de mim, querida?

Então toda a casa se tornou silenciosa. Mas logo se elevou em alguma parte, em uma direção indeterminada que tanto podia ser a adega como o sótão, um ronco potente, monótono, regular, um ruído surdo e prolongado, com estremecimentos de caldeira sob pressão. M. Follenvie dormia.

Como tinham combinado partir no dia seguinte às oito horas, todos se reuniram cedo na cozinha; mas a diligência, cujo toldo tinha uma capa de neve, erguia-se solitária no meio do pátio, sem cavalos e sem condutor. Este foi em vão procurado nas estrebarias, nas ferragens, nas cocheiras. Então todos os homens resolveram dar uma batida pelos arredores e saíram. Foram dar na praça, com a igreja ao fundo e duas fileiras de casas baixas, onde se avistavam soldados prussianos. O primeiro com que toparam descascava batatas. O segundo, mais adiante, lavava o salão de barbeiro. Um outro, barbudo até os olhos, beijava um garoto que chorava e embalava-o sobre os joelhos para acalmá-lo. E as corpulentas camponesas, cujos homens estavam incorporados ao exército, indicavam por gestos, aos seus vencedores obedientes, o trabalho que era preciso fazer: rachar lenha,

temperar a sopa, moer o café. E um deles até lavava os panos de sua hospedeira, uma velhinha decrépita.

O conde, espantado, interrogou o sacristão, que saía do presbitério. O velho rato de igreja respondeu:

— Oh! esses não são maus; não são prussianos, pelo que dizem. São de mais longe, não sei bem de onde. E todos deixaram mulher e filhos em sua terra. Esta guerra não é nada divertida para eles. Estou certo de que lá também se chora pelos homens. E isso trará uma grande miséria tanto para eles quanto para nós. Aqui, ainda, não se é muito infeliz de momento, porque eles não fazem mal e trabalham como se estivessem na própria casa. Entre pobres, senhor, é preciso que uns se ajudem aos outros. Os grandes é que fazem a guerra.

Cornudet, indignado com a entente cordiale estabelecida entre os vencedores e os vencidos, retirou-se, preferindo encerrar-se no albergue. Loiseau soltou uma piada: "Eles repovoam". M. Carré-Lamadon observou gravemente: "Eles reparam". Mas não encontravam o cocheiro. Afinal o acharam no café da aldeia, fraternalmente sentado à mesa com a ordenança do oficial. O conde o interpelou:

— Não lhe tinham dado ordem de atrelar para as oito horas?

— Sim, mas deram-me outra depois.

— Qual?

— De não atrelar mais.

— Quem lhe deu essa ordem?

— O comandante prussiano.

— Por quê?

— Não sei. Pergunte a ele. Proíbem-me de atrelar e eu não atrelo. Só isso.

— Foi ele mesmo quem lhe disse?

— Não, senhor, foi o hoteleiro que me transmitiu a ordem.

— Quando?

— Ontem, à noite, quando eu ia deitar-me.

Os três homens recolheram-se bastante inquietos.

Reclamaram a presença de Follenvie, mas a criada respondeu que o patrão, devido à sua asma, não se levantava nunca antes das dez horas. Tinha até formalmente proibido que o acordassem mais cedo, salvo em caso de incêndio.

Quiseram avistar-se com o oficial, mas isso era absolutamente impossível, embora ele morasse no albergue. Apenas Follenvie tinha autorização para lhe falar, no tocante a assuntos civis. Então esperaram. As mulheres subiram aos seus quartos, ocupando-se de mil e uma insignificâncias.

Cornudet instalou-se junto à alta chaminé da cozinha, onde estalava um vigoroso fogo. Mandou trazer para ali uma das mesinhas do café, um canecão de cerveja, e puxou do seu cachimbo, que gozava entre os democratas de uma consideração quase igual à sua, como se tivesse servido à pátria, servindo a Cornudet. Era um soberbo cachimbo de espuma, admiravelmente enegrecido, tão escuro como os dentes de Cornudet, mas perfumado, recurvo, luzidio, familiar à sua mão, e que completava a fisionomia do dono. E ele ficou imóvel, com os olhos ora fixos nas chamas, ora na faixa branca que orlava a sua bebida. E a cada gole passava com um ar satisfeito os longos dedos magros pelos longos cabelos sebosos, enquanto chupava o bigode franjado de espuma.

Loiseau, sob o pretexto de desentorpecer as pernas, foi colocar vinho nos estabelecimentos das redondezas. O conde e o fabricante puseram-se a conversar sobre política. Prognosticavam o futuro da França. Um tinha fé nos Orleans, o outro num salvador desconhecido, um herói que se revelaria quando tudo parecesse perdido: um Du Guesclin, uma Joana d'Arc talvez... ou um outro Napoleão I... Ah! se o príncipe imperial não fosse tão jovem! Cornudet, ouvindo-os, sorria, como um homem que conhece a chave dos destinos.

Às dez horas Follenvie apareceu e todos se apressaram em interrogá-lo. Mas ele nada mais pôde fazer que repetir duas ou três vezes, sem uma variante, estas palavras:

— O oficial assim me falou: "Monsieur Follenvie, o senhor proibirá que atrelem amanhã a diligência desses viajantes. Entendeu? É o suficiente".

Pretenderam então falar com o oficial. O conde lhe enviou o seu cartão, ao qual M. Carré-Lamadon acrescentou seu nome e todos os seus títulos. O prussiano mandou dizer que receberia os dois homens depois que houvesse almoçado, isto é, pela uma hora.

As senhoras reapareceram e todos comeram um pouco, apesar da inquietação. Bola de Sebo parecia enferma e prodigiosamente perturbada.

Terminaram o café, quando a ordenança veio chamar os dois emissários.

Loiseau juntou-se aos dois primeiros; mas como procurassem arrastar Cornudet para emprestar mais

solenidade ao ato, ele declarou altivamente que jamais pretendia ter quaisquer relações com os alemães; e voltou para o seu canto, encomendando outro canecão.

Os três homens subiram e foram introduzidos no mais belo quarto do albergue, onde o oficial os recebeu recostado numa poltrona, com os pés na chaminé, fumando um longo cachimbo de porcelana e envolto num flamante robe de chambre, pilhado sem dúvida na residência abandonada de algum burguês de mau gosto. Ele não se ergueu, não os cumprimentou, não os olhou. Apresentava uma esplêndida amostra da insolência natural ao militar vitorioso. Passados alguns instantes, disse afinal:

— Que querem?

O conde tomou a palavra:

— Desejamos partir, senhor.

— Não.

— Posso saber a causa de tal recusa?

— É porque eu não quero.

— Lembro-lhe respeitosamente, senhor, que o general-comandante nos concedeu licença para ir a Dieppe. E eu não creio que tenhamos feito alguma coisa para merecer tal severidade.

— Eu não quero. Acabou-se! Podem descer. Os três inclinaram-se e bateram em retirada.

A tarde foi lamentável. Não compreendiam nada daquele capricho do alemão; e as idéias mais singulares perturbavam os cérebros. Todos se conservavam na cozinha e discutiam infundavelmente, imaginando coisas inverossímeis. Queriam talvez guardá-los como reféns? Mas com que fim? Ou levá-los prisioneiros? Ou, antes exigir-lhes um resgate considerável? A este último pensamento, o pânico foi enorme. Os mais ricos eram os mais aterrorizados, vendo-se já coagidos, para resgatar a vida, a despejar bolsas cheias de ouro entre as mãos daquele soldado insolente. E escarafunchavam os miolos para descobrir mentiras aceitáveis, dissimular as suas riquezas, fazer-se passar por pobres, muito pobres. Loiseau tirou a corrente do relógio e ocultou-a no bolso.

A noite, que caía, aumentou as apreensões. A cenderam o lampião e, como ainda faltavam duas horas para a janta, *Mme.* Loiseau propôs uma partida de trinta e um. Seria uma distração. Aceitaram. O próprio Cornudet tendo apagado o cachimbo por polidez, tomou parte no jogo.

O conde baralhou as cartas, distribuiu. Bola de Sebo tinha o melhor jogo e logo o interesse da partida atenuou o temor que pesava sobre os espíritos.

Mas Cornudet em seguida se apercebeu de que o casal Loiseau se combinava para trapacear.

Quando se dirigiam para a mesa, Follenvie reapareceu. E, com a sua voz rouca, pronunciou:

— O oficial prussiano manda perguntar a *Mme.* Elisabeth Rousset se ela ainda não mudou de opinião.

Bola de Sebo permaneceu de pé, muito pálida; depois tornando-se subitamente vermelha, ficou tão sufocada de cólera que não podia falar. Afinal explodiu:

— Diga a esse canalha, a esse porco, a esta peste de alemão que eu nunca consentirei. Compreende bem? Nunca! Nunca!

O gordo estalajadeiro retirou-se. Então Bola de Sebo foi cercada, interrogada, solicitada por todo o mundo para desvendar aquele mistério. A princípio resistiu, mas logo se deixou arrebatado:

— O que ele quer... O que ele quer... Ele quer dormir comigo! — gritou ela.

Ninguém se chocou com a frase, tão viva foi a indignação.

Cornudet quebrou o seu canecão ao pousá-lo violentamente sobre a mesa. Era um clamor de reprovação contra aquele ignóbil sujeito, um sopro de cólera, uma união de todos para a resistência, como se houvessem exigido, a cada um, uma parte do sacrifício exigido dela. O conde declarou com desgosto que aqueles homens se comportavam à maneira dos antigos bárbaros. As mulheres, sobretudo, testemunhavam a Bola de Sebo uma comiseração enérgica e carinhosa. As duas freiras, que só apareciam às refeições, tinham baixado a cabeça e não diziam nada.

Em todo caso, jantaram logo que passou o primeiro furor. Mas falaram pouco: estavam todos entregues a seus pensamentos.

As senhoras se recolheram cedo; e os homens, fumando, organizaram um écarté, para o qual foi convidado Follenvie, a quem pretendiam interrogar habilmente sobre os meios de vencer a resistência do oficial. Mas ele só pensava em suas cartas, sem nada ouvir, sem nada responder, e repetia sem cessar: "Ao jogo, senhores, ao jogo!" Sua atenção estava de tal modo tensa que ele se esquecia de cuspir, o que lhe enchia às vezes o peito de ressonâncias de órgão. Seus pulmões, àrquejantes, ofereciam toda a gama da asma, desde as notas graves e profundas até as rouquidões agudas dos frangos que começam a cantar.

Recusou-se a subir quando a mulher, que caía de sono, veio buscá-lo. Então ela partiu sozinha, pois era "da

manhã", sempre se levantando com o sol, ao passo que o seu homem era "da noite", sempre pronto a passá-la com os amigos. E ele gritou-lhe: "Não se esqueça da minha gemada". E continuou o jogo. Quando viram que nada podiam arrancar dele, declararam que já era tempo de recolher-se, e cada qual foi para a sua cama.

Levantaram-se ainda mais cedo no dia seguinte, com uma indeterminada esperança, um desejo maior de ir embora e o terror do dia que deveriam passar naquele horrível albergue.

Ah! os cavalos continuavam na estrebaria, o cocheiro permanecia invisível. Foram, por graça, rondar em torno da diligência.

O almoço foi bastante triste; e produzira-se como que um esfriamento para com Bola de Sebo, pois a noite que traz conselho, modificara um pouco as opiniões. Quase que odiavam aquela rapariga, agora, por não ter ido encontrar-se secretamente com o prussiano, a fim de dar, pela manhã, uma boa surpresa aos seus companheiros de viagem. Haveria coisa mais simples? E depois, quem ficaria sabendo? Ela bem podia salvar as aparências, dizendo ao oficial que só o fazia de pena dos viajantes. E aquilo, para ela, tinha afinal tão pouca importância!

Mas ninguém confessava ainda tais pensamentos.

De tarde, como se aborreciam muito, o conde propôs um passeio pelos arredores da vila. Todos se abrigaram com cuidado, e o pequeno grupo partiu, com exceção de Cornudet, que preferia ficar perto do fogo, e as freiras, que passavam os dias na igreja ou em companhia do padre.

O frio, mais intenso dia a dia, picava cruelmente o nariz e as orelhas; os pés se tornavam tão dolorosos que cada passo era um sofrimento. E, quando avistaram o campo, este lhes pareceu tão terrivelmente lúgubre sobre aquela brancura ilimitada, que todos em seguida deram meia-volta, de alma gelada e coração aflito.

As quatro mulheres caminhavam na frente; seguiam os três homens um pouco atrás.

Loiseau, que compreendia a situação, perguntou de súbito se "aquela mulher" ainda os faria ficar por muito tempo em semelhante lugar. O conde, sempre cortês, disse que não se podia exigir de uma mulher um sacrifício tão penoso, e que ela deveria resolver isso por si mesma. M. CarréLamadon observou que, se os franceses fizessem como se esperava uma contra-ofensiva por Dieppe, o encontro só poderia dar-se em Tôtes. Esta reflexão deixou os dois outros preocupados.— E se fugíssemos a pé?—sugeriu Loiseau. O conde ergueu os ombros:—Com essa neve? E com as nossas mulheres? E depois seríamos em seguida perseguidos, alcançados em dez minutos e trazidos prisioneiros à mercê dos soldados.—Era verdade; calaram-se.

As damas falavam de modas; mas um certo constrangimento parecia desuni-las.

De repente, na extremidade da rua, apareceu o oficial. Sobre a neve que fechava o horizonte ele desenhava o seu grande perfil de vespa de uniforme e marchava de joelhos afastados, com esse movimento peculiar dos militares que se esforçam por não macular as botas cuidadosamente lustradas.

Inclinou-se ao passar pelas senhoras e olhou desdenhosamente para os homens, que tiveram, aliás, a dignidade de não descobrir-se, embora Loiseau esboçasse um gesto para retirar o chapéu.

Bola de Sebo ficara vermelha até as orelhas; e as três mulheres casadas sentiam uma grande humilhação de serem assim encontradas, por aquele soldado, na companhia daquela rapariga que ele tratava tão grosseiramente.

Então falaram dele, do seu aspecto, da sua casa. Mme CarréLamadon, que conhecera muitos oficiais e o avaliava como conhecedora, não achava aquele de todo mau; lamentava até que ele não fosse francês, pois daria um bonito hussardo, por quem todas as mulheres decerto cairiam.

Uma vez recolhidos, não sabiam mais o que fazer. Chegavam até a trocar palavras ásperas por coisas insignificantes.

O jantar, silencioso, durou pouco, e cada qual foi para o quarto, esperando dormir para passar o tempo.

Desceram no dia seguinte com as fisionomias fatigadas e o desespero na alma. As mulheres mal falavam com Bola de Sebo.

Um sino badalou. Era um batizado. A gorda rapariga tinha um filho a cuidado de uns camponeses de Yvetot. Não chegava a vê-lo uma vez por ano e nunca se lembrava dele. Mas o pensamento naquele que iam batizar despertou-lhe no coração uma ternura súbita e violenta pelo seu e ela quis por força assistir à cerimônia.

Logo que ela partiu, todos se entreolharam, depois aproximaram as cadeiras, pois sentiam que era preciso afinal decidir alguma coisa. Loiseau teve uma inspiração: propôs ao oficial que retivesse apenas Bola de Sebo, deixando partir os demais viajantes.

Follenvie também se encarregou dessa comissão, mas desceu quase em seguida. O alemão, que conhecia a natureza humana, despachara-o sumariamente. Pretendia reter a todos enquanto seu desejo não fosse satisfeito.

Então explodiu o temperamento plebeu de *Mme. Loiseau*:

— Nós é que não vamos morrer de velhice aqui. Pois se é o ofício dessa ordinária fazer isso com todos os homens, acho que ela não tem o direito de recusar quem quer que seja. Ela que não rejeitava nada em Ruão, nem os cocheiros! Sim, madame, o cocheiro da prefeitura! Eu bem o sei, ele compra vinho em nossa casa. E hoje que se trata de nos tirar de apuros, ela se faz de melindrosa, essa coisa à-toa!... Eu até acho que esse moço oficial se conduz muito bem. Ele está talvez privado há muito tempo, e havia aqui nós três que ele sem dúvida teria preferido. Mas não, contentou-se com aquela que é de todo o mundo. Respeita as mulheres casadas. A final de contas, ele é o senhor. Era só dizer: "Eu quero", e poderia pegar-nos à força, com os seus soldados.

As duas mulheres tiveram um pequeno estremeamento. Os olhos da linda *Mme. Carré Lamadon* brilhavam, e ela estava um pouco pálida, como se já se sentisse pegada à força pelo oficial.

Os homens, que discutiam à parte, aproximaram-se. *Loiseau*, enfurecido, queria entregar "aquela miserável", atada de pés e mãos, ao inimigo. Mas o conde, oriundo de três gerações de embaixadores, e dotado de um físico de diplomata, era partidário da habilidade: — Seria preciso dissuadi-la — disse ele.

Puseram-se então a conspirar.

As mulheres se achegaram mais, baixou-se o tom de voz, e a discussão se tornou geral, dando cada qual a sua opinião. Tudo dentro das conveniências, aliás. Sobretudo as mulheres achavam delicados rodeios, encantadoras sutilezas de expressão, para dizer as coisas mais escabrosas. Um estrangeiro não teria compreendido, tão estritas eram as precauções de linguagem. Mas como a leve camada de pudor com que se unta toda mulher da sociedade apenas cobre a superfície, elas se desafogavam naquela aventura picaresca, divertiam-se, loucamente no íntimo, sentindo-se no seu elemento, imiscuindo-se no amor com a sensualidade de um cozinheiro glutão que prepara a ceia de outrem.

A alegria voltava por si mesma, tão engraçada lhes parecia a história, afinal de contas. O conde aventurou gracejos um pouco arriscados, mas tão bem ditos que faziam sorrir. Por sua vez, *Loiseau* largou algumas piadas mais cabeludas, que não feriram a ninguém; e o pensamento brutalmente expresso por sua mulher dominava todos os espíritos: pois "se aquele era o seu ofício, ela não tinha o direito de recusar quem quer que fosse". E a gentil *Mme. Carré Lamadon* parecia mesmo pensar que, no lugar de Bola de Sebo, muito menos recusaria aquele.

Prepararam longamente a campanha, como para assediar uma fortaleza. Cada qual deliberou o papel que desempenharia, os argumentos com que apoiar-se, as manobras que deveria executar. Regulavam o plano dos ataques, as artimanhas a empregar, e as surpresas do assalto, para obrigar aquela cidadela viva a receber o inimigo em praça.

Cornudet, no entanto, permanecia afastado, completamente estranho àquele assunto.

Tão profunda era a concentração dos espíritos que ninguém ouviu Bola de Sebo entrar. Mas o conde soprou um ligeiro "psiu" que fez erguerem-se todos os olhos. Ela ali estava. Calaram-se bruscamente e um certo embaraço impediu no princípio que lhe dirigissem a palavra. A condessa, mais acostumada que os outros às duplicidades dos salões, interrogou-a:

— Esteve divertido, esse batismo?

A gorda rapariga, ainda comovida, contou tudo, as caras, as atitudes, o aspecto da igreja. E acrescentou:

— É tão bom rezar algumas vezes!

No entanto, até o almoço, as senhoras contentaram-se em ser amáveis com ela, para lhe aumentar a confiança e a docilidade a seus conselhos.

Logo que se sentaram à mesa, começou a abordagem. Foi a princípio uma conversação vaga sobre o sacrifício. Citavam exemplos antigos: *Judite* e *Holofenes* e depois, sem nenhuma razão, *Lucrecia* com *Sextus*, e *Cleópatra*, fazendo passarem pelo seu leito todos os generais inimigos e reduzindo-os ali a servilismos de escravos.

Desenrolou-se então uma história fantasiosa, brotada no cérebro daqueles milionários ignorantes, onde as cidadãs de Roma iam adormecer, em *Cápua*, *Aníbal* entre os seus braços, e, com ele, Os seus tenentes, e as falanges dos mercenários. Citavam todas as mulheres que detiveram os conquistadores, fazendo de seu corpo um campo de batalha, um meio de dominar, uma arma, que venceram com suas carícias heróicas a seres repulsivos ou detestados e sacrificaram a sua castidade à vingança e ao devotamento.

Referiram-se até, em termos velados, a essa inglesa de importante família que se deixara inocular uma horrível e contagiosa doença, para transmiti-la a *Bonaparte*, salvo milagrosamente, por uma fraqueza súbita, na hora do encontro fatal.

E tudo isso era contado de um modo conveniente e discreto, em que apontava às vezes um estudado

entusiasmo, próprio para excitar o estímulo.

Dir-se-ia, afinal, que o único papel da mulher, neste mundo, era um perpétuo sacrifício da sua pessoa, em contínuo abandono aos caprichos da soldadesca.

As duas freiras, perdidas em profundos pensamentos, não pareciam ouvir coisa alguma.

Bola de Sebo não dizia nada.

Durante toda a tarde, deixaram-na refletir. Mas, em vez de chamá-la "madame", como até então tinham feito, diziam-lhe simplesmente "mademoiselle", sem que ninguém soubesse ao certo por que, como se quisessem fazê-la descer um degrau na estima que havia escalado, frisando a sua vergonhosa situação.

No momento em que se servia a sopa, Follenvie reapareceu, repetindo a frase da véspera:

— O oficial prussiano manda perguntar a Mile. Elisabeth Rousset se ela ainda não mudou de opinião.

Bola de Sebo respondeu secamente:

— Não, senhor.

Depois a coligação enfraqueceu. Loiseau teve três frases infelizes. Cada qual puxava pelo bestunto para descobrir exemplos novos e nada encontrava, quando a condessa, sem premeditação talvez, experimentando um vago desejo de prestar homenagem à religião, interrogou a mais velha das freiras sobre os grandes atos das vidas dos santos. Ora, muitos haviam cometido coisas que seriam crimes a nossos olhos; mas a Igreja absolve sem dificuldade tais atos, quando são praticados pela glória de Deus, ou pelo bem do próximo. Era um argumento poderoso, de que a condessa se aproveitou. Então, ou por um desses entendimentos tácitos, dessas veladas complacências, em que se sobressai quem quer que use um hábito eclesiástico, ou simplesmente por efeito de um mal-entendido feliz, de uma providencial parvoíce, a velha religiosa trouxe para a conspiração um formidável apoio. Julgavam-na tímida; ela mostrou-se ousada, até mesmo violenta. Não era perturbada pelos rodeios da casuística; sua doutrina parecia uma tranca de ferro; sua fé não hesitava nunca; sua consciência não tinha escrúpulos. Achara muito natural o sacrifício de Abraão, pois teria imediatamente matado pai e mãe, a uma ordem vinda do Alto; e nada, a seu ver, podia desagradar ao Senhor quando a intenção era louvável. A condessa, explorando a autoridade sagrada de sua imprevista cúmplice, obrigou-a a fazer como que uma edificante paráfrase deste axioma de moral: "O fim justifica os meios".

Ela a interrogava:

— Então, irmã, acha que Deus aceita todas as vias e perdoa o fato, quando o motivo é puro?

— Quem o poderia duvidar, madame?

Uma ação censurável em si torna-se muitas vezes meritória pelo pensamento que a inspira.

E continuavam, assim, destrinchando os desígnios de Deus, prevendo suas decisões, fazendo-o interessar-se em coisas que, na verdade, não lhe diziam respeito.

Tudo isso velado, hábil, discreto. Mas cada palavra da santa mulher abria brecha na resistência indignada da cortesã. Depois, tendo-se a conversa desviado um pouco, a mulher do rosário falou dos estabelecimentos da sua ordem, da sua superiora, de si própria, e da sua amável companheira, a querida irmã Saint-Nicéphore. Tinham nas pedido do Havre para tratar nos hospitais a centenas de soldados atacados de varíola. Ela descreveu esses miseráveis, pormenorizou os seus males. E enquanto estavam detidos em caminho pelos caprichos daquele prussiano, quantos franceses poderiam morrer, a quem elas salvariam, talvez!

Tratar dos militares era a sua especialidade; ela estivera na Criméia, na Itália, na Áustria, e, contando suas campanhas, revelou-se uma dessas religiosas de tambor e cometa que parecem feitas para seguir os acampamentos, recolher os feridos na confusão das batalhas e, melhor que um chefe, dominar com uma palavra os sargentos indisciplinados; uma verdadeira irmã Rataplan, cuja cara assolada, crivada de inúmeras cicatrizes, parecia uma imagem das devastações da guerra.

Ninguém disse nada depois dela, tão esplêndido parecia o efeito das suas palavras.

Terminada a refeição, logo subiram para o quarto, para só descerem no dia seguinte, quando já ia alta a manhã.

O almoço foi tranqüilo. Davam à semente lançada na véspera o tempo de germinar e produzir seus frutos.

A condessa propôs um passeio à tarde; então o conde, como se estivesse combinado, tomou o braço de Bola de Sebo e ficou para trás, com ela.

Falou-lhe nesse tom familiar, paternal, um pouco desdenhoso, que os homens importantes empregam com as raparigas, chamando-a: "minha cara menina", tratando-a do alto da sua posição social, de sua honorabilidade indiscutida. Entrou logo no vivo da questão:

— Então você prefere deixar-nos aqui, expostos, como você mesma, a todas as violências que se seguiriam a um fracasso prussiano?

Prefere tudo isso a consentir numa dessas complacências que você já teve tantas vezes na sua vida?

Bola de Sebo não respondeu nada.

Ele aliciou-a pela brandura, pela razão, pelos sentimentos. Soube permanecer "o senhor conde", não sem se mostrar galante quando preciso, lisonjeiro, amável, enfim. Exaltou o serviço que ela lhes prestaria, falou do reconhecimento de todos eles. Depois, de súbito tuteando-a jovialmente:

— E você sabe, minha pequena, ele poderá gabar-se de haver estado com uma bonita mulher como não há muitas na sua terra.

Bola de Sebo não respondeu e reuniu-se ao grupo.

Logo que voltou, recolheu-se ao quarto e não mais reapareceu. A inquietação era extrema. Que iria ela fazer? Se resistisse, que transtorno!

Chegou a hora da janta; esperaram-na inutilmente. No entanto, Follenvie anunciou que Mile. Rousse sentia-se indisposta e que podiam sentar-se à mesa. Todos aguçaram o ouvido. O conde aproximou-se do estalajadeiro e perguntou baixinho:

— E daí?

— Feito!

Por conveniência, o conde não disse nada a seus companheiros, mas limitou-se a fazer-lhes um breve aceno de cabeça. E um grande suspiro de alívio exalou-se de todos os peitos, todas as caras se iluminaram de alegria. Loiseau exclamou:

— Caramba! Eu pago champanhe, se houver nesta casa. *EMme*. Loiseau sentiu um baque no coração, quando o

patrão chegou, empunhando quatro garrafas. Cada qual se tornara de repente comunicativo e brilhante; uma saltitante alegria enchia os corações. O conde pareceu aperceber-se de que *Mme*. Carré Lamadon era encantadora, o manufactureiro dirigiu galanteios à condessa. A conversação foi viva, leve, cheia de piadas.

De súbito, Loiseau, com a fisionomia ansiosa e erguendo os braços, gritou:

— Silêncio!

Todos se calam, atônitos, já quase assustados. Então ele levou a mão em concha ao ouvido, e o dedo ao lábio, fazendo "psiu" e, erguendo os olhos para o teto, escutou novamente. E depois, com sua voz natural:

— Tranqüilizem-se, tudo vai bem.

Hesitavam em compreender, mas logo esboçou-se um sorriso geral.

Ao cabo de um quarto de hora, recomeçou a mesma farsa, renovando-a várias vezes durante o serão; e fingia interpelar alguém no andar superior, dando-lhe conselhos de duplo sentido, colhidos no seu espírito de caixeiro-viajante. De vez em quando tomava um ar triste e suspirava: "Pobre rapariga!" Ou então murmurava entre dentes, com um ar colérico: "Maldito prussiano!" Às vezes, quando menos se esperava, lançava, com uma voz vibrante, vários "basta! basta!" E acrescentava, como que falando para si mesmo: "Desde que a gente torne a vê-la... e que ele não a mate, o miserável!"

Embora essas brincadeiras fossem de um gosto deplorável, divertiam e não feriam a ninguém, pois a indignação depende do meio, como tudo mais, e a atmosfera que pouco a pouco ali se formara estava carregada de pensamentos obscenos.

À sobremesa, as próprias mulheres fizeram alusões espirituosas e discretas. Os olhos brilhavam; tinham bebido muito. O conde, que até nos seus momentos alegres conservava um ar de solene gravidade, fez uma comparação muito apreciada com o degelo no pólo e alegria dos naufragos que vêm abrir-lhes um caminho para o sul.

Loiseau, arrebatado, ergue-se, empunhando uma taça de champanhe:

— Eu bebo à nossa libertação. Todos se puseram de pé; aclamavam-no. As próprias freiras, instadas pelas senhoras, consentiram em molhar os lábios naquele vinho espumante que nunca haviam provado. Declararam as duas que aquilo se parecia com gasosa, mas que era muito mais fino.

Loiseau resumiu a situação:

— É pena não termos um piano, aqui, porque senão poderíamos fazer uma quadrilha.

Cornudet não dissera uma palavra, não fizera um gesto; parecia mergulhado em pensamentos muito graves, e puxava às vezes, com um gesto furioso, a sua comprida barba, como se quisesse alongá-la ainda mais. Enfim, pela meia-noite, quando iam separar-se, Loiseau, que mal se agüentava nas pernas, deu-lhe de repente um tapa na barriga e disse a gaguejar:

— Você não parece disposto esta noite. Como é que não diz nada, cidadão?

Mas Cornudet ergueu bruscamente a cabeça e, passeando pela assistência um olhar fuzilante e terrível:

— Uma coisa eu digo a todos: vocês acabam de cometer uma verdadeira infâmia!

Ergueu-se, alcançou a porta, repetiu mais uma vez: "Uma infâmia!" E desapareceu.

Esta cena, a princípio, lançou um frio na assembléia. Loiseau, confuso, permanecia estupidificado. Mas logo recuperou a linha e, de repente, contorcendo-se de riso, pôs-se a repetir:

— Estão verdes, meu velho, estão verdes.

Como ninguém compreendesse, ele contou os "mistérios do corredor". Houve então um retorno de formidável alegria. As senhoras divertiam-se como loucas. O conde e M. Carré Lamadon choravam de tanto rir. Não podiam acreditar.

— Como! Tem certeza? Ele queria...

— Estou dizendo que vi.

— E ela recusou...

— Porque o prussiano estava no quarto ao lado.

— Verdade?

— Juro!

O conde sufocava. O industrial apertava o ventre com as duas mãos. Loiseau continuava:

— De modo que hoje ele não lhe acha graça alguma, está visto.

E os três recomeçaram, doentes de tanto rir, arquejantes, tossindo.

Nesta altura, todos se separaram. Mas *Mme.* Loiseau, que era da natureza das urtigas, observou ao marido, no momento em que se deitavam, que "aquela mexeriqueira" da *Mme.* Carré Lamadon tinha rido amarelo toda a noite.

— Bem sabes, as mulheres, quando dão para gostar de uniforme, pouco se importam que seja francês ou prussiano. Ora, já se viu!

E toda a noite, na obscuridade do corredor, correram como que frêmitos, leves rumores, quase inaudíveis, semelhantes a sopros, roçar de pés nus, mal perceptíveis estalidos. E decerto só dormiram muito tarde, pois durante muito tempo brilharam os filetes de luz sobre as portas. A champanhe tem desses efeitos: dizem que perturba o sono.

No dia seguinte, um claro sol de inverno tornava ofuscante a neve. A diligência, finalmente atrelada, esperava diante da porta, enquanto um mundo de pombos brancos, enfunados em sua espessa plumagem, com os olhos róseos marcados de um ponto negro ao centro, passeavam gravemente por entre as patas dos seis cavalos, buscando alimento no estêreo fumegante que estes desperdiçavam.

O cocheiro, envolto no abrigo de carneiro, dava a sua cachimbada na boléia, e todos os passageiros, radiantes, mandavam empacotar rapidamente provisões para o resto da viagem.

Só esperavam por Bola de Sebo. Esta afinal apareceu.

Parecia um pouco confusa, envergonhada; e avançou rapidamente para os seus companheiros, que, num mesmo "movimento, se voltaram para o outro lado, fingindo que não a tinham visto. O conde tomou com dignidade o braço da sua esposa e afastou-a daquele contato impuro.

A gorda rapariga parou, estupefata. Depois, reunindo toda a sua coragem, abordou a mulher do fabricante com um "bom-dia, madame" humildemente murmurado. A outra fez com a cabeça uma leve saudação impertinente e um olhar de virtude ultrajada. Todos pareciam muito laboriosos, e conservavam-se longe de Bola de Sebo, como se esta carregasse alguma infecção nas suas saias. Precipitaram-se para a diligência, onde ela chegou sozinha, por último, retomando em silêncio o lugar que ocupara durante a primeira parte da viagem.

Pareciam não vê-la, não conhecê-la. Mas *Mme.* Loiseau considerando-a de longe com indignação, disse a meia voz ao marido:

— Felizmente eu não estou ao lado dela.

O pesado carro se movimentou, reiniciando a viagem.

No princípio ninguém falou. Bola de Sebo não ousava levantar os olhos. Sentia-se ao mesmo tempo indignada com todos os seus companheiros e humilhada por haver cedido,

maculando-se com os beijos daquele prussiano, em cujos braços a tinham hipocritamente lançado.

Mas a condessa, voltando-se para *Mme.* Carré Lamadon, logo rompeu aquele penoso silêncio.

— Decerto conhece *Mme.* d'Etrelles, não?

— Sim, é uma de minhas amigas.

— Que mulher encantadora!

— Fascinante! Uma verdadeira natureza de elite, muito instruída, aliás, e artista até a medula, canta

admiravelmente e desenha que é uma perfeição.

O fabricante conversava com o conde e, em meio ao ruído do carro, uma palavra às vezes sobressaía: "ação", "vencimento", "bônus", "preço".

Loiseau, que surrupiara o velho baralho de cartas da estalagem ensebado por cinco anos de uso, começou um besigue com a sua mulher

As duas boas freiras tomaram da cinta o longo rosário pendente, fizeram juntas o sinal da cruz, e de repente os seus lábios se puseram a mexer vivamente, apressando-se cada vez mais, acelerando o seu vago murmúrio como para uma corrida de oremus; e de tempos em tempos beijavam uma medalha, benziam-se de novo, depois recomeçavam o seu resmungo rápido e contínuo.

Cornudet pensava, imóvel.

Ao cabo de três horas de viagem, Loiseau recolheu as cartas:

— Está batendo a fome—disse ele.

Sua mulher então desembrolhou um assado frio. Cortou-o habilmente em tenras fatias, e puseram-se ambos a comer.

— E se fizéssemos o mesmo?—sugeriu a condessa. Concordaram e ela abriu as provisões preparadas para os dois casais, em uma dessas terrinas alongadas, em cuja tampa há uma lebre em faiança para indicar o seu conteúdo. Era uma suculenta iguaria, com a carne escura da caça atravessada de brancas fitas de toucinho e misturada com outras carnes picadas. Um belo pedaço de gruyère conservava impresso o letreiro FAITÉ DIVERS na sua superfície untuosa.

As duas freiras desenrolaram uma fiada de salsichas, que cheirava a alho. E Cornudet, mergulhando ac mesmo tempo ambas as mãos nos vastos bolsos de seu casaco, sacou de um deles quatro ovos cozidos e do outro uma casca de pão. Descascou os ovos, lançando as cascas à palha, debaixo de seus pés, e pôs-se a morder os ovos, enquanto lhe tombavam na longa barba claras partículas de gemas, que pareciam estrelinhas lá dentro.

Bola de Sebo, na pressa e sobressalto de seu despertar, não pudera pensar em nada; e olhava exasperada, sufocando de raiva, todas aquelas pessoas que comiam placidamente. Crispada primeiro de violenta cólera, ela abriu a boca para lhes dizer as verdades numa onda de injúrias que lhe subia aos lábios; mas não conseguia falar, de tal modo a exasperação a estrangulava.

Ninguém a olhava, ninguém se importava com ela. Sentia-se afogada no desprezo daqueles honestos crápulas, que primeiro a haviam sacrificado, e rejeitado depois, como uma coisa indecente e inútil. Pensou então no seu grande cesto cheio de boas coisas, que eles tinham sofregamente devorado, nos seus dois frangos reluzentes de gordura, nos seus patês, nas suas pêras, nas suas quatro garrafas de bordéus; então seu furor tombou de repente, como uma corda muito tensa que rebenta, e ela sentiu-se prestes a chorar. Fez esforços terríveis, empertigou-se, engoliu os soluços como uma criança, mas o pranto subia, brilhava-lhe na borda das pálpebras, e logo duas grossas lágrimas, destacando-se dos olhos, rolaram lentamente pelas suas faces. Seguiram-se outras mais rápidas, deslizando como as gotas d'água que filtram de uma rocha, e tombando regularmente sobre a curva roliça de seu peito. Ela permanecia direita, com o olhar fixo, a face rígida e pálida, esperando que não a vissem.

Mas a condessa o notou e preveniu o marido com um sinal. Ele ergueu os ombros como quem diz: "Que queres? A culpa não é minha". *Mme.* Loiseau teve um silencioso riso de triunfo e murmurou:

— Ela chora a sua vergonha.

As duas irmãs de caridade tinham recomeçado a orar, depois de haverem embrulhado num papel o resto das salsichas.

Então Cornudet, que digerira os ovos, espichou as longas pernas sob a banquetta fronteira, recostou-se, cruzou os braços, sorriu como quem acaba de descobrir uma boa farsa e pôs-se a assobiar a Marselhesa.

Todas as caras se fecharam—O canto popular decerto não lhes agradava. Ficaram nervosos, irritados, e pareciam prestes a soltar ganidos, como cães que ouvem um realejo. Cornudet, que bem o percebia, não parou. Às vezes até cantarolava as palavras:

Amour sacré de la patrie, Conduis, soutiens nos bras vengeurs, Liberte, liberte chérie, Combats avec tes défenseurs!

Corriam agora mais depressa, estando a neve mais dura. E até Dieppe, durante as longas horas tediosas da viagem, através dos solavancos do caminho, pela noite que tombava, depois na escuridão profunda da diligência, ele continuou, com uma obstinação feroz, o seu assobio vingativo e monótono, constringendo os espíritos cansados e exasperados a seguir o canto de princípio a fim e a recordar, a cada compasso, a palavra que lhe correspondia.

E Bola de Sebo continuava chorando; e às vezes um soluço, que ela não pudera reter, atravessava as trevas, entre duas coplas.